

Entrevista

Entrevista com Sarah Schulman sobre a obra “Ties that Bind: Familial Homophobia and its Consequences”

Interview with Sarah Schulman about the book “Ties
that Bind: Familial Homophobia and its Consequences”

Rayane Dayse da Silva Oliveira
(Entrevista e Tradução)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Doutora em Sociologia (UFPB)

E-mail: rayaneoliveirasocial@yahoo.com





Sarah Schulman é uma professora, escritora e ativista estadunidense, nascida em 1958 em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Atualmente trabalha como professora do Departamento de Língua Inglesa do *Weinberg College of Arts and Science* da *Northwestern University*, em Chicago. Antes disso, atuou por vinte e cinco anos como professora da *City University of New York (CUNY) - College of Staten Island*. Schulman também integra o *New York Institute for the Humanities (NYIH)*, afiliado à *New York University (NYU)*.

Em sua obra “*Ties That Bind: Familial Homophobia and its Consequences*”, publicada em 2009 pela editora *The New Press*, Schulman cunhou e sistematizou o conceito de homofobia familiar. Na obra em questão, ela reflete sobre as violências homofóbicas em contextos doméstico-familiares, discute a busca por reconhecimento e debate estratégias para combater violências no contexto familiar. Na tentativa de conferir visibilidade às violências sofridas por sujeitos gays e lésbicas no espaço doméstico, ela explora a complexidade e as especificidades das violências homofóbicas nesse espaço e propõe o que chama de “intervenção de terceiros” como um caminho para enfrentar a homofobia familiar. Embora a obra completa ainda não esteja disponível em português, o primeiro capítulo foi traduzido e publicado pela Revista *Bagoas: Estudos Gays - Gêneros e Sexualidades* em 2010.

Além da obra supracitada, Schulman possui mais de 20 livros publicados e diversas premiações. Dentre a sua vasta produção escrita destacam-se também: *My American History: Gay And Lesbian Life During the Reagan/Bush Years* (1994). *Israel/Palestine and the Queer International* (2012). *Conflict Is Not Abuse: Overstating Harm, Community Responsibility and the Duty of Repair* (2016); *The Cosmopolitans* (2016); *Let the Record Show: A Political History of ACT UP, New York 1987-1993* (2021).

A entrevista apresentada a seguir foi concedida por Sarah Schulman a Rayane Oliveira em 11 de janeiro de 2023, nos Estados Unidos. Esta entrevista foi realizada como parte das atividades do Estágio de Doutorado no Exterior (Doutorado Sanduíche) de Oliveira, realizado por meio do projeto, financiado pelo Programa Institucional de Internacionalização CAPES-PRINT: “Homofobia Familiar: Um Esforço Comparativo entre Brasil e Estados Unidos”. Esse projeto é parte integrante da tese de doutorado de Oliveira (2024), intitulada “A Fenomênica do Espaço Presente nas Violências: Homofobia Familiar e Existência Lésbica”, que foi desenvolvida sob a orientação do Professor Doutor Charliton José dos Santos Machado, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGS/UFPB).

1. Como pesquisadora e ativista *queer*, você se dedica a explicar a homofobia familiar e suas consequências na vida de *gays* e *lésbicas*. Então, do seu ponto de vista, quais são as particularidades desse tipo de violência e quais são as diferenças entre a homofobia familiar e outros tipos de homofobia?

Sarah Schulman: Bem, vejamos, eu penso que a primeira experiência da maioria das pessoas com a homofobia é na família, portanto, acredito que esse é o local original onde as pessoas irão experienciá-la. Também penso que os membros heterossexuais da família experimentam primeiro os privilégios dentro da família, em comparação com os membros *queer* da família. Normalmente, o conceito é que a sociedade oferece uma fuga dos problemas da família, e a família deve oferecer uma proteção contra os danos da sociedade. Mas com a homofobia familiar, elas [sociedade e família] espelham-se uma à outra. Portanto, essa é uma experiência muito particular que tem consequências emocionais, mas também consequências materiais, porque a maioria das pessoas depende da família para certos tipos de apoio, que sem ela saem caro. E, quando estamos em um mundo em que as mulheres ganham menos que os homens, as consequências materiais são mais graves. Por exemplo, em Nova York, nos Estados Unidos, as mulheres *queer* estão mais representadas nos abrigos para sem-teto e nas prisões porque não têm esse sistema de apoio material e emocional, portanto, a homofobia familiar tem consequências muito grandes.

2. Você publicou o livro “*Ties that Bind: Familial Homophobia and its Consequences*” em 2009, certo? Agora, treze anos depois, você consegue perceber alguma mudança na situação da homofobia familiar nos Estados Unidos?

Sarah Schulman: Bem, a primeira coisa é que o livro foi escrito em 1999, eu levei dez anos para conseguir publicá-lo, ninguém iria publicá-lo porque era uma ideia totalmente nova. Ninguém ainda havia analisado a homofobia na família, embora essa seja a experiência *queer* mais comum em todo o mundo. E, de fato, tive de inventar o termo homofobia familiar porque não haviam palavras para isso. Por isso, foi muito, muito difícil conseguir publicá-lo, mas as ideias são muito antigas, são dez anos mais antigas que o próprio livro. O que mudou é muito interessante. Há uma variedade de experiências que as pessoas têm, a homofobia familiar é tão dramática que há pessoas cujos pais estão felizes por serem *gays* e ainda há pessoas que matam seus filhos por serem *queer*, certo? Portanto, a variedade é tão grande que os extremos ainda são os mesmos, acaba sendo uma experiência diferente para diferentes pessoas. Eu penso assim, as pessoas agora sentem que muito mais pessoas acham que ser homofóbico é errado, isso não significa que elas não sejam, mas elas negam ou se sentem envergonhadas por isso. Quando escrevi o livro pela primeira vez, as pessoas consideravam uma virtude ser homofóbico, e isso mudou,

mas nos Estados Unidos estamos vendo um ressurgimento de leis e costumes anti-gays e anti-trans, que também estão ligados à luta contra o aborto. Em Estados como a Flórida, agora existem leis que impedem os professores de falar sobre homossexualidade em sala de aula, entende? E as leis anti-trans são extremas e são voltadas às crianças, o que afeta as famílias. Portanto, depende muito de onde você mora nos Estados Unidos e de quem são seus pais, você pode ter qualquer tipo de experiência neste momento.

3. Um dos pontos principais do seu livro é que você apresenta a homofobia como uma crise cultural, não como um problema pessoal. Nesse caso, como sociedade, que caminhos você identifica como cruciais para lutar contra essa crise?

Sarah Schulman: O mais importante, e isso também vale para as mulheres em geral, é que a sociedade privilegia a família e esse é o problema dos abusos que ocorrem dentro da família, pois é um lugar onde ninguém irá intervir. Mas devemos intervir, porque o que acontece é que a pessoa *queer* na família está sozinha lá dentro, enquanto o resto do mundo tem medo de responder à família porque privilegamos a família patriarcal. Por isso, falo sobre intervenção de terceiros, que é responsabilidade de outros intervir em solidariedade, e confrontar a família, assim como faríamos

em qualquer outro caso, qualquer outro tipo de caso de solidariedade. Essa ideia de que a família é sagrada, e que os vizinhos e os amigos não devem confrontar a família, é isso que precisa mudar, porque a família não é apenas o lugar onde as pessoas experimentam a homofobia pela primeira vez, é onde as pessoas experimentam a violência, o abuso sexual, o sexismo, tudo isso, tudo isso tem origem na família. Portanto, precisamos intervir, e não estou dizendo o Estado, estou dizendo outras pessoas.

4. Outro ponto essencial do seu livro é que você discute a homofobia como um sistema de prazer. Pode nos explicar essa perspectiva?

Sarah Schulman: Claro, quando eu estava analisando a palavra homofobia, que significa medo de homossexuais, certo? Fobia. Eu percebi que todas as vezes que eu vivenciei o que chamamos de homofobia, a outra pessoa não tinha medo. Na verdade, elas desfrutavam de sua supremacia, entende? A homofobia faz com que as pessoas se sintam bem consigo mesmas porque as eleva. Elas sentem que são melhores do que nós. É a mesma experiência com o sexismo, há uma espécie de alegria nisso. Por isso, penso que a homofobia é um sistema de elevação e não de medo.

5. O conceito de interseccionalidade foi introduzido nos estudos de gênero e sexualidade nos últimos anos, e nos permitiu pensar sobre a desigualdade a partir de várias perspectivas. Como você analisa a implicação desse conceito para uma melhor compreensão do fenômeno da homofobia?

Sarah Schulman: Bem, antes de mais nada, quero dizer que acho que a interseccionalidade é uma palavra nova para uma ideia antiga. E a ideia antiga é do feminismo das mulheres de cor. Se olharmos para coisas da década de 1980, como *This Bridge Called My Back*¹, por exemplo, ou *Combahee River Collective*², os primeiros escritos feministas dos anos 1970 e 1980, veremos que as mulheres de cor estão falando sobre interseccionalidade quando dizem que as opressões não podem ser ranqueadas. Mas agora chamamos isso de algo mais genérico, não o chamamos mais de feminismo das mulheres de cor. Portanto, é uma ideia antiga sobre coalizões e, sabe, depende da família, quero dizer, sim, é claro que existem famílias inter-raciais, isso é absolutamente verdade, mas muitas famílias são monorraciais e defendem especialmente a família branca. Bem, agora que temos o casamento gay e a paternidade como algo legal

1 *The Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color* é uma coletânea de textos de mulheres negras do feminismo, organizada e publicada por Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa.

2 Foi uma organização do feminismo negro, fundada pela feminista e ativista estadunidense Barbara Smith, com atuação em Boston, capital do estado de *Massachussetts* nos Estados Unidos, no período de 1974 a 1980.

e cada vez mais normal, isso reforça o relacionamento com a família branca, a família iniciadora. Portanto, de muitas maneiras, as estruturas familiares mantêm as separações raciais e de classe. E quando estamos falando de sistemas coletivos, como comunidades, na melhor das hipóteses eles transcendem a matemática. Por exemplo, na minha geração, ao ter que deixar minha família e entrar em uma comunidade lésbica na década de 1970, entrei em uma comunidade que era mais inter-racial e interclasse. Eu não teria experimentado isso se tivesse permanecido como heterossexual em meu ambiente familiar. Portanto, quando a comunidade *gay* era uma experiência coletiva, ela tendia a ser mais diversificada, agora que estamos em famílias privatizadas, famílias homossexuais, são mantidas as mesmas separações de classe e de nível de escolaridade que as pessoas heterossexuais têm. Então, há algo na privatização de uma vida *gay*, isso mantém as distinções de raça e de classe mais do que na experiência coletiva.

6. A homofobia na América Latina é um grande problema. No Brasil, por exemplo, as estatísticas desse tipo de violência são muito altas e crescem a cada ano. Observando em perspectiva comparativa, no que diz respeito à homofobia, você consegue apontar semelhanças e diferenças entre os Estados Unidos e os países latino-americanos?

Sarah Schulman: A homofobia é uma coisa interessante porque as pessoas têm clichês sobre quem é mais

homofóbico do que outras pessoas, mas às vezes eles não são verdadeiros. Sabe, há pessoas de origem muito liberal que não são religiosas porque os pais são muito homofóbicos, e há pessoas de origens religiosas muito conservadoras cujos pais aceitam seus filhos *queer* e trans. Portanto, não é tanto socioeconômico, mas tem a ver com a capacidade dos pais e da família para o amor e a flexibilidade. Na verdade, penso que é mais caracterológico do que sociológico. Sabe, é claro que sabemos que a maior parte da homofobia é religiosa, e a maior parte da homofobia tem a ver com ideias religiosas sobre sexo e poder masculino, portanto, é provável que quanto mais fundamentalista for uma pessoa, maior a probabilidade de ela apoiar coisas anti-gays, mas isso não significa que ela tratará mal os membros de sua própria família. Temos políticos conservadores que votam contra os gays, mas eles têm familiares gays com quem são gentis. Então, isso é mais complicado do que pensamos.

7. Como você vê os impactos da pandemia da Covid-19 e o isolamento social em caso de homofobia familiar?

Sarah Schulman: Isso é interessante. Em meu trabalho anterior, lecionei na *CUNY*³ por vinte e cinco anos, mas não estou mais lá, estou em uma instituição particular agora, durante a pandemia da Covid-19, todos estavam no Zoom⁴,

3 *City University of New York (CUNY).*

4 Aplicativo para realização de reuniões virtuais.

e eu podia ver como meus alunos viviam e eles não tinham privacidade para ter aulas, porque meus alunos eram pobres e da classe trabalhadora, de modo que muitos deles não tinham seus próprios quartos e, portanto, tinham que assistir aula na frente de seus familiares. E isso significava que eles não podiam falar livremente sobre determinados assuntos, porque para as pessoas que moram na casa dos pais enquanto frequentam a universidade, ela acaba sendo um lugar muito importante onde podem ser expressas ideias que não podem ser expressadas em casa. E negar às pessoas seu próprio espaço físico, longe da família, as sujeita a mais opressão em casa. Desse modo, com base na classe social, eu diria que a Covid-19 realmente afetou os alunos *queer* de forma muito mais severa, em termos de falta de privacidade e de liberdade de expressão.

8. Seu livro é uma grande referência nos estudos sobre homofobia familiar. Como você disse, o termo não existia antes de você começar a escrever esse livro. Então, você pretende escrever mais sobre esse tópico no futuro?

Sarah Schulman: Eu acredito que não, porque eu escrevi muito sobre isso em meus romances. Bem, você sabe, o assunto está presente em meus livros de romance. E eu estou mais velha, eu tenho agora sessenta e quatro anos, então eu estou pensando em outras coisas, entende?

REFERÊNCIAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programa Institucional de Internacionalização - Capes PrInt**. Plataforma Sucupira. Brasília, DF: CAPES, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxiliosinternacionais/informacoes-internacionais/programa-institucional-de-internacionalizacao-capes-print>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MORAGA, Cherríe; ANZALDÚA, Gloria (orgs.). ***This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color***. 4ed. Albany: State University of New York Press, 2015.

OLIVEIRA, Rayane Dayse da Silva. **A Fenomênica do Espaço Presente nas Violências: Homofobia Familiar e Existência Lésbica**. 2024. Tese (Doutorado em Sociologia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

SCHULMAN, Sarah. ***Let the Record Show: A Political History of ACT UP New York, 1987-1993***. 1ed. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2021.

SCHULMAN, Sarah. ***The Cosmopolitans***. 1ed. New York: Feminist Press at CUNY, 2016a.

SCHULMAN, Sarah. ***Conflict Is Not Abuse: Overstating Harm, Community Responsibility, and the Duty of Repair***. Vancouver: Arsenal Pulp Press, 2016b.

SCHULMAN, Sarah. ***Israel/Palestine and the Queer International***. 1ed. Durham: Duke University Press Books, 2012.

SCHULMAN, Sarah. **Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento**. Bagoas - Estudos gays: gêneros e

sexualidades, [S. l.], v. 4, n. 05, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SCHULMAN, Sarah. **Ties That Bind: Familial Homophobia and Its Consequences**. 1ed. New York: The New Press, 2009.

SCHULMAN, Sarah. **My American History: Gay and Lesbian Life During the Reagan/Bush Years**. 1ed. New York: Routledge, 1994.